

PALCO DO OPRIMIDO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ADOLESCENTES DA CIDADE DE MARINGÁ-PARANÁ

Monique Aiko França Kobori (Universidade Estadual de Maringá)

João Murilo Mantovan Souza (Universidade Estadual de Maringá)

João Alfredo Martins Marchi (Universidade Estadual de Maringá)

ra139730@uem.br

Resumo:

O presente projeto tem como tema o uso das técnicas do Teatro do Oprimido com adolescentes. O recorte investiga como os jogos do Teatro do Oprimido, desenvolvidos por Augusto Boal, podem influenciar a percepção dos jovens em relação a experiências vividas ou presenciadas em seu cotidiano com intuito de investigar de que forma especialmente o Teatro-Fórum aliado a jogos adaptados, podem auxiliar adolescentes a refletirem de maneira crítica sobre situações de opressão existentes em seus contextos sociais. Os objetivos compreendem conscientizar os participantes sobre pautas sociais e políticas e incentivá-los a expressarem emoções e experiências pessoais por meio de jogos teatrais. A pesquisa é qualitativa (Losch; Rambo; Ferreira, 2023), desenvolvida em oficina com quinze adolescentes de doze a dezesseis anos. Como instrumentos, utilizamos rodas de conversa (Pinheiro, 2020) e diários de bordo (Larcher, 2019). A análise seguiu a abordagem qualitativa (Minayo, 2011). A fundamentação teórica pauta-se em Boal (2009; 2013), Freire (2005) e Santos (2020). Os resultados apontam que os adolescentes podem engajar-se gradualmente, explorando temas sociais e externalizando sentimentos por meio do teatro.

Palavras-chave: Teatro do oprimido; Teatro-fórum; Adolescência.

1. Introdução

O presente projeto tem como temática a aplicação das técnicas do Teatro do Oprimido, em especial o Teatro-Fórum, como prática educativa voltada a adolescentes de 12 a 16 anos da cidade de Maringá-PR, no contexto de um curso de extensão vinculado ao projeto MEPPAC – Metodologia das Práticas como Pesquisa nas Artes da Cena. O MEPPAC reúne ações voltadas à difusão de pesquisas do curso

de Artes Cênicas – Licenciatura em Teatro, e dá ênfase na criação e manutenção de cursos, eventos e de um acervo digital sobre metodologias investigativas na área. Posto isso, Inspirado nas proposições de Boal (2009), que defende que “o teatro deve ser um espaço de diálogo, onde os oprimidos podem se expressar e refletir sobre suas realidades” (p. 18), utilizamos o conceito de “espect-atores”, para que os/as adolescentes participem ativamente da cena e da construção de significados dentro da oficina realizada. Dentro dessa lógica, o Teatro-Fórum foi adotado como estratégia metodológica, pois nele “o público é convidado a entrar na cena em vez de apenas assisti-la. Eles podem substituir os atores e tentar novas soluções para os conflitos apresentados” (Boal, 2009, p. 34). A relevância do curso se consolida a partir da perspectiva de conscientização e engajamento crítico dos adolescentes em relação às opressões vivenciadas em seus contextos sociais. Além disso, a iniciativa desse curso de extensão proposto, reafirmou a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão ao unir prática artística, investigação acadêmica e formação comunitária, oferecendo aos participantes um espaço para expressar suas emoções, elaborar experiências pessoais e construir novas perspectivas diante da realidade.

2. Metodologia

O curso teve uma perspectiva qualitativa, entendida como uma abordagem que valoriza a singularidade e a perspectiva dos sujeitos, buscando descrever e compreender a realidade em sua totalidade (Lösch; Rambo; Ferreira, 2023, p. 5). A metodologia foi um estudo de campo, definido por Gil (2002) como a observação direta de um grupo, complementada por entrevistas e registros diversos (p. 53). Para isso, foram propostos 10 encontros de duas horas com adolescentes de 12 a 16 anos – dos quais já foram realizados 3 –, aplicando jogos do Teatro do Oprimido de Augusto Boal (2013) e utilizando rodas de conversa, que visam ressaltar voz dos participantes (Pinheiro, 2020, p. 4); também utilizamos diários de bordo, compreendidos como documentos do processo criativo (Larcher, 2019). A análise dos dados seguiu a perspectiva qualitativa proposta por Minayo (2011), que tem como verbo central “compreender”, isto é, interpretar os significados a partir da subjetividade dos envolvidos (p. 623).

3. Resultados e Discussão

Os resultados iniciais desta investigação indicam que a aplicação das técnicas do Teatro do Oprimido com adolescentes não pôde ser realizada em sua totalidade, uma vez que não houve número suficiente de participantes para a constituição do grupo proposto até o presente momento. Por se tratar de um curso em andamento, apontamos que foram realizados apenas 3 encontros dos 10 previstos, e, o grupo teve apenas 2 integrantes participando efetivamente das atividades. Tais limitações impossibilitaram os ministrantes de aplicar a maioria dos exercícios de TO propostos nos planos de aula o que demandou uma reformulação de algumas atividades, bem como um novo plano de divulgação do curso na busca por novos participantes. Neste plano, foram reabertas as inscrições da oficina por tempo indeterminado.

Essa limitação, em nosso entendimento, comprometeu o desenvolvimento integral das atividades planejadas, impossibilitando a observação dos efeitos esperados em relação à construção do pensamento crítico e à reflexão sobre situações de opressão. Ainda assim, a experiência evidenciou a necessidade de estratégias mais eficazes de mobilização e engajamento do público-alvo para futuras aplicações do projeto, bem como indicou que o Teatro do Oprimido é uma prática extremamente coletiva, que demanda mais pessoas para uma melhor experimentação

4. Considerações

Diante do percurso apresentado, compreende-se que, embora a pesquisa tenha enfrentado limitações quanto ao número de participantes, até o momento, o estudo reafirma a importância do Teatro do Oprimido como prática pedagógica e social voltada à formação crítica de adolescentes. As reflexões construídas ao longo do processo destacam a importância de articular ensino, pesquisa e extensão, bem como de investir em estratégias de engajamento de participantes, de modo a garantir condições para a efetiva realização das propostas e para o fortalecimento do potencial transformador do teatro na educação.

Referências

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LARCHER, Lucas. O diário de bordo e suas potencialidades pedagógicas. **ouvirOUver**, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 100–111, 2019.

LÖSCH, Silmara; RAMBO, Carlos Alberto; FERREIRA, Jacques de Lima. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p.1–18, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n.3, p 621–626, 2011.

PINHEIRO, Leandro Rogério. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 31, n. 39 p 1–30, 2020.

SANTOS, Márcio Silveira dos. Ensino de teatro na educação de jovens e adultos: O Teatro-Jornal como recurso pedagógico. **Moringa - Artes do Espetáculo**, Paraíba, v. 11 n. 1, p. 115-141. 2020.